

HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA (1929 - 1950)

Giseli Cristina do Vale Gatti*
Geraldo Inácio Filho**

RESUMO

Trata-se da comunicação dos resultados alcançados em investigação no campo da História da Educação, especificamente, na área da História das Instituições Educacionais. A instituição em exame é a Escola Estadual de Uberlândia, sediada em Uberlândia - MG. Esta pesquisa objetivou analisar a História da Escola Estadual de Uberlândia a partir das representações sociais construídas ao seu redor na cidade e região no período de 1929 a 1950. No decorrer dessa investigação foram consultadas as bibliografias nacionais e internacionais sobre o assunto, os documentos do acervo da escola, bem como jornais de época, fotografias e documentos do acervo do arquivo público municipal. Além disso, foram importantes os depoimentos recolhidos junto a ex-alunos e ex-professores do colégio, entre outros. Os resultados alcançados demonstraram que as representações sociais construídas em torno da Escola Estadual de Uberlândia conferiram centralidade a essa instituição na cidade e região do Triângulo Mineiro, o que contribuiu para legitimar seus egressos como futuros dirigentes dos setores público e privado. Além disso, foi possível apreender a dimensão conservadora e tradicional da escola, com a valorização da pátria e da disciplina como modeladoras dos espíritos, mediante a ação dos professores vocacionados para a missão educacional. Nesse sentido, pôde-se perceber a distância do ideário vigente na escola em relação daquele preconizado pelo movimento escolanovista que influenciava as reformas educacionais do período compreendido entre 1929 e 1950.

Palavras-Chave: História - Representação - Escola

Introdução

A temática dessa investigação refere-se às representações sociais construídas sobre a Escola Estadual Uberlândia¹, no período de 1929 a 1950. A pesquisa insere-se no campo da Educação, na sub-área da História da Educação, especificamente vinculada às temáticas presentes na História das Instituições Educacionais.

A problemática da pesquisa envolve o interesse pelo passado de uma das mais antigas instituições educacionais da cidade de Uberlândia. Instituição emblemática dada sua gênese privada, em 1912, e sua consolidação como escola pública, desde 1929. De fato, a escola, dedicada à formação de secundaristas, tornou-se referência na cidade de Uberlândia, sendo que o período enfocado nesta investigação, 1929 a 1950, parece assinalar o momento de cristalização da imagem social da escola.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora de Estrutura e Funcionamento do Ensino da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: giseli@faced.ufu.br

** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: gifilho@ufu.br

¹ A escola foi fundada em 1912, com a designação de Ginásio de Uberabinha. Em 1929, com a estadualização, foi designada, por alguns meses, como Ginásio Mineiro de Uberlândia. Neste mesmo ano, devido à mudança de nome da cidade de São Pedro do Uberabinha para Uberlândia, a escola passou a ser designada por Ginásio Mineiro de Uberlândia. Em 1944, a escola passou a ser designada como Colégio Estadual de Uberlândia e, por fim, em 1968, recebeu a designação que conserva até os dias de hoje, Escola Estadual de Uberlândia.

Nessa época, a escola tornou-se pólo de demonstrações cívicas, culturais, esportivas. Além disso, seu modelo pedagógico, que unia disciplina, rigidez, separação e controle dos corpos, tornou-se referência para outras instituições e modelo de escola de qualidade para pais e alunos.

A investigação acerca dessa escola tornou-se importante à medida que se pode perceber o número considerável de seus egressos que ocuparam e ocupam cargos públicos e que dirigem empresas privadas na cidade de Uberlândia. Cidade esta que passou a ocupar, desde os anos sessenta, centralidade na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e que, por esse motivo, ganhou peso político regional, contando para isso com políticos que, em quase sua totalidade, passaram sua juventude nos bancos da atualmente nomeada Escola Estadual de Uberlândia.

Deste modo, pode-se afirmar que o interesse central da investigação realizada prendeu-se à tentativa de apreensão das representações sociais construídas sobre a Escola Estadual de Uberlândia. Para tanto, foi necessário efetivar alguns estudos teóricos preliminares visando ao aprofundamento do conhecimento do campo de pesquisa sobre as instituições educacionais, o exame da situação educacional em âmbito nacional, regional e, por fim, local, bem como a apreensão dos movimentos e opiniões particulares sobre a escola analisada.

Houve diversidade de materiais históricos consultados e construídos durante a investigação, incluindo: bibliografia histórico-educacional, normas educacionais, notícias publicadas em periódicos locais, documentos escolares, iconografia e diversos depoimentos.

Quanto à bibliografia histórico-educacional pôde-se aproveitar da textualidade já conhecida sobre a temática da educação escolar, adensada, sobretudo pelo exame metucioso de literatura sobre representações sociais, oriundas do campo sociológico e histórico.

Quanto aos documentos mais afetos a escola analisada, consultou-se documentação de seu próprio acervo que, infelizmente, não possui a adequada guarda, organização e conservação; documentos localizados no Arquivo Público Municipal, especialmente jornais e revistas da época abrangida pela investigação; documentação iconográfica, sobretudo do Arquivo Jerônimo Arantes, localizado no Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS; documentação pessoal de membros da escola que lá estavam no período coberto pela investigação. A apresentação dos resultados desse esforço investigativo será exposta a seguir.

Representação: aproximações e conexões

Representação, do latim *repraesentatio*, é um termo carregado de significado e é de suma importância para o desenvolvimento atual das Ciências Humanas. Uma das acepções presentes no Dicionário Aurélio conceitua representação como: *conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento*. Na Filosofia significa:

Operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo. A função de representação é exatamente a de tornar presente à consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real. A noção de representação geralmente define-se por analogia com a visão e com o ato de formar uma imagem de algo, tratando-se no caso de uma imagem não-sensível, não visual. Esta noção tem um papel central no pensamento moderno, sobretudo no racionalismo cartesiano e na filosofia da consciência. Sob vários aspectos, entretanto, a relação de representação parece problemática, sendo

*por vezes entendida como uma relação causal entre o objeto externo e a consciência, por vezes como uma relação de correspondência ou semelhança. A principal dificuldade parece ser o pressuposto de que a consciência seria incapaz de apreender diretamente o objeto externo.*²

É importante ressaltar que "representação" em praticamente todas as acepções teóricas é visto como social, ainda que sua manifestação seja realizada na maioria das vezes no plano individual.

Nas Ciências Sociais "representação" é definida como sendo *categorias que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.*³ Durkheim é o primeiro a utilizar o conceito, com o designativo de representações coletivas. Pare ele:

*As Representações Coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza.*⁴

Max Weber ao tratar das questões relacionadas às representações sociais o fez em oposição às idéias de Durkheim que defendia a existência de uma relação de adequação entre idéias e base material. Assim, segundo Weber, tanto as representações quanto às idéias têm a sua própria dinâmica e podem ser tão importantes quanto a base material.

A concepção weberiana está distante do pensamento positivista e, em certo sentido, é contrária ao chamado marxismo vulgar - economicista e excessivamente determinista. Por outro lado, aproxima-se da tradição marxista mais recente, que, nesse aspecto particular, confere importância à explicação histórica para outros campos da vida social que não somente à esfera econômica, mas, também, às esferas da política, da cultura e mesmo da religião. São diversos os autores marxistas que, desde os anos 50, compreendem o ser social como sendo, simultaneamente, determinado e determinante dos processos de permanência e mudança.

O próprio Karl Marx, em 1846, afirma que:

*A História não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhes são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente [...].*⁵

De comum pode-se perceber que em praticamente todas as formas de abordagem da questão das representações está o fato de que a linguagem, o discurso, a palavra é a principal portadora dos conteúdos representacionais.

² Hilton JAPIASSU e Danilo MARCONDES, *Dicionário Básico de Filosofia*, p. 213-4.

³ Maria Cecília de Souza MINAYO, *O Conceito de Representações dentro da Sociologia Clássica*, p. 89.

⁴ E. DURKHEIM, *As Regras do Método Sociológico*, p. 381.

⁵ Karl MARX, *A Ideologia Alemã*, p. 47.

Nesse sentido, ganham relevo, na pesquisa sobre representações, os testemunhos, os registros escritos, entre outros suportes materiais das palavras, das idéias. Segundo Roger Chartier, a História Cultural

*[...] tem como objeto principal identificar a forma como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. [...] Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte, possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse.*⁶

Segundo Roger Chartier, não é possível entender uma História Cultural desconectada de uma História Social, posto que suas representações são produzidas a partir de papéis sociais. Ele afirma seu entendimento de que não há real oposição entre mundo real e mundo imaginário. O discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade. Desta forma, a representação do real, o imaginário, é em si, um elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.⁷

As representações coletivas são consideradas ao mesmo tempo matriz e efeito das práticas construtoras do mundo social. O imaginário tido como um sistema de idéias-imagens de representações coletivas, é considerado o outro lado do real.

Representações Sociais das Instituições Educacionais

A educação constitui uma área temática em que a representação social tem tido um importante destaque. Nesse contexto, as instituições escolares têm sido bastante privilegiadas, uma vez que, tal como as pessoas, essas instituições são portadoras de memórias, uma memória gerada por contraposição com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo, das pessoas e das gerações.

Essa memória gira em torno do fabuloso e do heróico, sendo também colocada como uma memória ritualista e comemorativa. Este é um fato que não se deve ignorar. As instituições consideradas como transmissoras de cultura, a cultura escolar, também não deixam de produzir a mesma, uma vez que elas são consideradas organismos vivos que tanto ontem como hoje, integram-se de forma mais ou menos convergente numa política educativa, em uma estrutura educacional e não deixaram de fazê-lo de maneira crítica e adaptativa.

Nas instituições educativas, os sujeitos, e em especial os alunos, são, sem dúvida, o seu núcleo principal, pois sua existência está diretamente ligada às atividades de todos seus integrantes.⁸

Nesse contexto, a busca de alunos é considerada função fundamental da instituição educacional, uma marca que tende a conferir-lhe poder autônomo nos quadros regional e local. Isto porque esses alunos são colocados como atores principais no desenvolvimento da escola e, ao se estudar o passado de uma instituição educacional, muitas vezes esses alunos são tidos como fontes importantes e imprescindíveis para a busca de uma interpretação a respeito de tal instituição.

⁶ Roger CHARTIER, *A História Cultural: entre práticas e representações*, p. 16-9.

⁷ Roger CHARTIER, *O Mundo como Representação*, p.107-24.

⁸ Luiz PEREIRA e Marialice M. FORACCHI, *Educação e Sociedade*, p.105

Tal fato acontece quando os documentos relacionados com a História da Instituição Educacional se mostram ineficazes na busca de uma análise de seu passado ou porque esses documentos se perderam com o tempo ou porque não estão disponíveis ao acesso público.

O estudo das representações sociais pode ajudar no processo de compreensão do processo de construção da realidade e como os discursos contêm em si estratégias de interesses determinados. No caso das instituições escolares, a apreensão do discurso predominante por meio do exame das falas particulares, é muito importante, pois na maioria das instituições brasileiras mais antigas, grande parte da documentação manuscrita e impressa perdeu-se, por isso o recurso da História Oral torna-se imprescindível, pois é com ela que se encontra a possibilidade de construir interpretações sobre o itinerário histórico das instituições escolares, conferindo-lhe assim uma identidade cultural e educacional.

Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950)

A criação do "Gymnásio Mineiro de Uberabinha" deve-se, entre outras coisas, à preocupação das elites locais com a expansão do ensino escolar na região, pois, diante do descaso que o governo do Estado de Minas Gerais demonstrava em relação à cidade, o que incluía a inexistência de um estabelecimento de ensino público até os anos trinta, havia necessidade de empreender esforços particulares rumo à escolarização.

A solução encontrada para esse problema foi a doação de prédios pela comunidade e incentivo às instituições particulares. Fato que ocorreu não só na cidade de Uberabinha, como também em outras cidades da região.

Em 1912, em Uberabinha, a discussão sobre a criação de um estabelecimento de ensino secundário, era um assunto que merecia destaque, pois o intuito era favorecer a expansão do setor educacional.

Nesse sentido, artigo publicado no ano de 1912 pelo Jornal *O Progresso* enfatizava que a ignorância é a pior desgraça que pode vitimar uma população.⁹

Como resposta a esse tipo de assertiva é que, no mesmo ano, nascia o "Gymnásio de Uberabinha", instituição privada dirigida pelo Sr. Antonio Luiz da Silveira.

Naquela época, este estabelecimento de ensino oferecia o curso ginásial e comercial com um sistema de internato, semi - internato e externato. Desde sua gênese, a escola se autodenominava como sendo um dos mais importantes estabelecimentos de ensino da cidade.

O Ginásio de Uberabinha iniciou suas atividades funcionando em espaço precário. Motivados então pela necessidade de superação dessa precariedade e pelo interesse em ganhar experiência na construção de prédios escolares, um grupo composto por personalidades de grande importância para a cidade, tais como Arlindo Teixeira, Tito Teixeira, José Nonato Ribeiro, Antonio Resende, Custódio Pereira, Carmo Gifoni e Clarimundo Carneiro reuniu-se para angariar fundos na cidade para construir uma sede própria para a escola, em um local onde se pudesse abrigar muitos estudantes durante várias gerações.

Em 1918, iniciou-se a construção e, em 1921, a obra estava concluída. Em seguida, os sócios da empresa construtora entregaram o novo prédio ao então diretor do Ginásio Mineiro o Sr. Antonio Luiz da Silveira. Já em 1922, a escola começou a funcionar na nova sede.

O Ginásio de Uberabinha funcionou como instituição privada até 1928, quando o então Senador Camilo Chaves tentou uma autorização junto com ao Presidente do Estado, Antonio Carlos de Andrada, com a finalidade de regulamentação da existência da Escola Normal oficial em Uberabinha.

Porém, em função de uma antiga rivalidade com a cidade vizinha, Uberaba, que por meio da interferência dos representantes da referida cidade que integravam o parlamento,

⁹ Jornal "*O Progresso*", 10/08/1912. nº 251, p.01.

fizeram um protesto, conseguindo alterar o decreto presidencial, passando a criação da Escola Normal para Uberaba.

Em função desse desentendimento e por sugestão do próprio Presidente que, a partir de um esforço de conciliação política, no qual houve o empenho do Senador Camilo Chaves, foi criado, por meio do Decreto nº 8.958 de 3 de Janeiro de 1929, um estabelecimento de instrução secundária oficial, que deveria estar em acordo com o programa do internato do Ginásio Mineiro de Barbacena.

Para agilizar a instalação do ginásio, a Sociedade Progresso de Uberabinha, resolveu, de comum acordo, doar o prédio ao Estado, sem qualquer ônus. Deste modo, no final do ano de 1929, a cidade de Uberabinha, que já havia mudado seu nome para Uberlândia, assistiu à mudança de designação do Ginásio Mineiro de Uberabinha que passou então a chamar-se Ginásio Mineiro de Uberlândia.

Considerações

É importante ressaltar a utilidade do estudo sobre representações sociais na compreensão das instituições educacionais, por meio da percepção da forma como as falas foram se organizando, legitimando o *status quo* dos egressos de escolas formadoras de elites culturais e políticas. Este tipo de análise permite compreender como persiste no meio social a imagem de uma escola central no desenvolvimento de uma localidade ou região.

A coordenação das atividades de comemorações cívicas oficiais, com destaque para o advento da Independência e da Proclamação da República, deixa clara a valorização social dada aos movimentos coordenados pelas elites dirigentes, legitimando e justificando os arranjos políticos de então.

Ao oferecer para seus alunos e comunidade atrações culturais e eventos esportivos, obviamente, vinculados aos ideais de ordem e civismo, a escola supria carências importantes da cidade, tornando-se locus privilegiado para a divulgação da cultura legítima e dos esportes, com suas regras e normas, que inspiravam e modelavam os comportamentos sociais esperados para o cidadão ordeiro e nacionalista.

A escola, por seu turno, significou uma evolução, não só pelo espaço físico disponível ao saber, mas também pela organização curricular e de conteúdos, com a entrada de livros etc., conferindo à cidade uma oportunidade real de incremento educacional e cultural, por meio da possibilidade de socialização de conhecimentos.

Os relatos sobre metodologias de ensino empregadas pelos professores e normatizadas pela escola, como se poderia prever, revelavam vinculação com práticas pedagógicas tradicionais, nas quais professores transmitiam conhecimentos a serem memorizados pelos alunos. Nesse sentido, é importante assinalar que o sistema de avaliação incluía basicamente as provas escritas, durante o ano letivo, e provas orais, ao final das aulas, demonstrando vinculação a práticas pedagógicas conservadoras e distanciamento das propostas advindas da Escola Nova.

Quanto à idéia de qualidade da escola, presente na maior parte dos depoimentos e nas notícias divulgadas pela imprensa local, pôde-se perceber que o conteúdo que justifica esta idéia relaciona-se, sobretudo, à disciplina rígida imposta pela escola e por seus professores, pela erudição dos docentes e pela aprovação nos concursos vestibulares para ingresso na Educação Superior.

Novamente, há uma distância entre o que se percebe como qualidade e aquilo que o ideário pedagógico reformador está a propagar. Sem dúvida a presença marcante ainda é a do Estado-Novo.

Por vezes, o distanciamento do período obscurece seus contornos específicos, mas, no período focado nesta investigação e, sobretudo, devido à localidade enfocada, o ensino

secundário era um nível educacional muito alto, para o qual convergiam professores e alunos os mais capacitados. Por esse motivo, é interessante perceber o quanto essa elite cultural estava desconectada do ideário pedagógico escolanovista e vinculada ao pensamento nacionalista e conservador.

Enfim, pode-se perceber, após o exame destas considerações que a Escola Estadual de Uberlândia firmou sua imagem de qualidade calcado em um ideário pedagógico e político conservador, no qual, ordem centralização, disciplina, memorização, civismo e nacionalismo deram o tom e o compasso. A percepção dessa situação não diminui sua importância no cenário local e regional da Escola Estadual Uberlândia, pois nela foram formadas centenas de cidadãos no período enfocado dentre os quais diversos dirigentes do setor público e privado local, regional e mesmo nacional.

Bibliografia

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1990.

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. In: *Os Pensadores*. Vol. XXXIII. São Paulo. Abril. 1973.

GATTI, Giseli Cristina do Vale. *História e Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929 - 1950)*. Dissertação de Mestrado. UFU. 2001.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Cláudio Castro e Costa. São Paulo. Martins Fontes. 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representação dentro da Sociologia Crítica. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. 2 ed. Petrópolis. Vozes. 1995, pp. 89-111.

MUNICÍPIO DE UBERABINHA. *História, Administração, Finanças, Economia*. São Pedro de Uberabinha (Uberlândia). Oficinas Typographicas da Livraria Kosmos, 1922.

PATLAGEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 292-312.

PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. *Educação e Sociedade*. 10 ed, São Paulo, Nacional, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v.15, n°29, 1995, pp.9-27.

PETITAT, André. *Produção da Escola/Produção da Sociedade*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre. Artes Médicas, 1994.

VIEIRA, Maria do Pilar e outros. *A Pesquisa em História*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.